



Redacção de Barcelos e Paranhos

C. M. B. *Barcelos*
BIBLIOTECA N.º 6

ANO I

CARVALHAL, 9 DE OUTUBRO DE 1932

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -
Número avulso
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos
ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
PAGAMENTO À DIANTADA

Director, Editor, Administrador e Proprietário
P.º José A. Aires

Publica-se aos Domingos
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

A Franqueira

O trabalho e tenacidade com que há tempos a esta parte a Comissão administrativa de N.ª S.ª da Franqueira vem trabalhando em prol dos melhoramentos que se projectam ali realizar, é de molde a que o povo, sem hesitação vá dispensando o seu auxílio à medida que lho vão pedindo.

Assim, é digna de registo a maneira acolhedora como tem sido recebido o peditório feito por aquela Comissão nas frêguesias visinhas da Franqueira.

A frêguesia de Carvalhal, muito devota da Virgem, tem concorrido enormemente para que todos os melhoramentos da Franqueira se façam o mais rapidamente já oferecendo gratuitamente os terrenos para a construção da estrada, já empregando outros esforços para que nada se oponha à ligeireza que é precisa empregar para que senão esmoreça na continuidade progressiva dos trabalhos que já se encontram encetados.

E, assim lá, no alto, a Virgem suplicante pede benevolência intercedendo junto de Seu amado Filho, suplica lhe o seu auxílio em favor de toda esta gente que a admira e venera, deixando assim falar o seu coração de Mãe.

Carvalhal não descança, trabalha e trabalha muito em favor da Franqueira e, a continuar assim, como é de esperar, há de deixar ficar ligada, por um vinculo indizível, o seu nome ao labor empregado para a realização de tudo quanto se pensa fazer na Franqueira e vai dando um exemplo que deve ser tomado pelas frêguesias suas limitrofes.

Fra Casil.

Esmolas recebidas no mês de Setembro, na ermida da Franqueira

As esmolas em dinheiro encontradas na caixa para N.ª Senhora da Franqueira, foram em dinheiro, 83\$00.

Recebeu além disso umas sete mortalhas e muitas promessas de cera destacando-se dentre todas a promessa dum cirio feita pelo Ex.º Sr. Adelino Luiz Falcão da freguesia de Gilmonde, lugar de Rebordões, por ter sido isento definitivamente do serviço militar: esse cirio é avaliado em cerca de 200\$00.

Oxalá todos compreendam o titanico esforço que a Comissão de N.ª Senhora da Franqueira está desenvolvendo e venham em auxílio dela com generosas ofertas nos proximos meses por forma a continuarem sem esmorecimentos os trabalhos encetados.

Carta de Barcelos

26-9-932

— Trabalha-se com todo o afan para que nesta cidade seja criado um liceu municipal.

E' um melhoramento importante com que o nosso concelho muito tem a lucrar.

— A chuva tem prejudicado muitissimo as vinhas.

— Já se encontra restabelecido dos seus incómodos o Ex.º Sr. Dr. Matos Graça, illustre Presidente da Câmara.

— No pretérito domingo, houve na igreja matriz desta cidade o consórcio de Domingos Joaquim Gonçalves e Rosalina Machado, da freguezia de Carvalhal.

— Consta que por estes dias vem a esta cidade a fim de ir visitar as ruínas do Castelo de Faria o Ex.º Sr. M. Mendes Correia, do Porto.

— Projectam-se grandes melhoramentos neste concelho



Nossa Senhora da Franqueira

afim de dar trabalho ao grande número de desempregados que enxameiam as nossas freguezias.

ALVELOS

Também nesta freguezia causou geral consternação a noticia do falecimento do Venerando Primaz da igreja bracarense. Por esse motivo o Rev. Abade, à estação da missa parochial, no passado domingo, fez o elogio das excelsas virtudes do Grande Prelado, em breves e simples palavras, e convidou os seus freguezes a orarem por ele e a virem assistir a uma missa na segunda feira, dia dos seus funerais, celebrada nesta igreja pelo eterno descanso do eminente Purpurado.

No mesmo dia o pároco desta freguezia foi em companhia do Sr. Arcipreste de Barcelos, assistir na Sé de Braga aos officios fúnebres do Sr. Arcebispo, ali realizados.

— Neste damingo próximo terá lugar nesta igreja, a reunião mensal das creanças da Cruzada Eucaristica, havendo de manhã comunhão geral e prática adequada; e de tarde a Hora de Adoração da Congregação do SS. Sacramento.

— No passado domingo foi batisada uma criança filha do Sr. Manuel Armindo Dantas e mulher Deolinda Lopes Martins.

— Esteve doente e já se acha bem de saúde a menina Isaura, filha do Sr. João Ferreira, do lugar da Prêza.

— Tomou posse a nova mesa da Confraria de N.ª S.ª das Dores, sendo Juiz, José Simões Ferreira, secretário, António Martins Fernandes, tesoureiro, João Faria da Silva, e procurador, Manuel José Simões.

M.



O Evangelho

Apresentou Jesus esta parábola aos seus discípulos: «O reino dos Céus é semelhante a um homem que fez contas com os seus servos; e começando, chegou um que lhe devia dez mil talentos; e como não tivesse com que pagar, o seu senhor mandou-o vender, e à mulher e aos filhos para satisfazer a dívida; mas o servo, ajoelhando, rogou-lhe: «Tem paciência comigo, e eu te pagarei tudo.» Compadecido, o senhor mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida. Saindo aquele servo, viu um outro que lhe devia cem dinheiros; agarrou-o pelo pescoço, bradando: «Paga o que me deves.» Ajoelhando-se aquele servo implorou ao companheiro: «Tem paciência comigo, e tudo te pagarei.» Mas ele não perdoou, metendo numa cadeia até que lhe satisfizesse a dívida. Ficaram contristados os servos que tal scena presenciaram, e contaram tudo ao seu senhor. Então este chamou-o e disse-lhe: «Servo mau; pois eu perdoei-te tudo quanto me devias, e tu não tens piedade do teu companheiro como tive contigo?!» E irado, meteu-o na cadeia até que tudo pagasse. E Jesus acrescentou: «Assim o meu pai vos fará, se não perdoardes uns aos outros de todo o coração.»

A Caridade

Perdoai uns aos outros de todo o coração.

Dividamos o evangelho de hoje em três pontos, que correspondem às considerações que é naturalmente nos oferece: a clemência do senhor para com o servo insolúvel, a crueldade do servo a respeito dum devedor insolúvel como é, e a justiça do senhor para com o servo cruel.

I.—A clemência do Senhor.

Este rei que toma contas a seus servos é Deus, o soberano Senhor do universo; os servos são todo o género humano.

Sim; todos nós somos os servos de Deus, todos temos uma conta em aberto com Ele; todos temos de prestar estas contas, quer queiramos, quer não; ou nesta vida, no tribunal da misericórdia, ou na outra, no tribunal da justiça.

O servo do vosso Evangelho devia dez mil talentos, soma enorme, principalmente naquella época. Servindo-se de uma expressão hiperbólica, Jesus Cristo quer fazer-nos compreender a extensão da dívida que contraímos para com a justiça divina, e a proporção que existe entre os nossos pecados que ofendem a Deus e os defeitos que podemos censurar aos nossos irmãos.

Esta aproximação serve para melhor fazer resaltar a bondade de Deus, que nos perdoa as dívidas, e a nossa injustiça, quando recusamos perdoar a nossos irmãos. Lembremo-nos agora das faltas innumeráveis que compõem a dívida imensa que contraímos perante a justiça divina, e consideremos qual a sorte que nos esperaria se Deus nos tratasse segundo os merecimentos próprios...

Como não tivesse com que pagar, o seu senhor mandou-o vender, e à mulher e aos filhos, e a tudo o que possuía. Eis a sorte que esperava o devedor insolúvel, segundo as leis antigas;—a sorte reservada ao

pecador impenitente é bem mais terrível! Não temos o que nos espera, e ficamos tranquilos! Em nome dos nossos mais íntimos interesses, não adormecemos nesta tranquillidade funesta! Enquanto é tempo imitemos o servo do Evangelho e aproveitemos a lição que nos dá: *ajoe-lha aos pés do seu senhor, e roga-lhe: tem paciência comigo e e eu te pagarei tudo.*

Mais insolúveis ainda que ele, só temos o recurso da bondade do Senhor que ultrajamos tão crimosamente. Prostremo-nos também diante da divina misericórdia; por grande que seja a dívida ser-nos-há perdoada, se o arrependimento for sincero.

Compadecido, o senhor perdoou-lhe a dívida e mandou-o embora. Admirável efeito do arrependimento! Apenas o peccador confessou e deplorou a sua falta, logo a misericórdia pronuncia a feliz sentença que perdoa. São apagados todos os pecados, desapareceram como se nunca tivessem sido praticados!

Como são consoladores estes pensamentos! E como seriamos desgraçados e orgulhos se recusássemos um perdão obtido tão facilmente!

II.—A crueldade do servo.

Saindo o servo, viu outro que lhe devia cem dinheiros; e exigiu a este o pagamento da dívida; e como é que lhe implorasse paciência, que tudo lhe pagaria, não lhe perdoou e meteu-o na cadeia. Indignado com um tal procedimento, os outros servos foram contar tudo ao seu senhor.

Realmente, como não ficar indignado com a conduta deste servo que, na mesma ocasião em que era objecto duma tão grande bondade, trata o companheiro com tanta dureza!

A indignação redobra quando se compara o que lhe deviam e o que lhe tinha sido perdoado,—cem dinheiros com dez talentos, como se disséssemos cem escudos com dez mil contos...

Com certeza aplaudimos o procedimento dos outros servos que, indignados, vão contar ao senhor o que se passa.

Mas um dia não darão os Anjos o mesmo testemunho contra nós? Enquanto imploramos de Deus o perdão das nossas faltas, dívida imensa que Deus está pronto a perdoar-nos com uma liberalidade magnanima, não recusamos perdoar ao próximo as faltas ligeiras que pode ter para connosco?

Sabêmo-lo bem: o perdão das injúrias e o amor aos inimigos encerram-se no preceito da caridade; ou melhor: não há caridade possível sem o cumprimento deste duplo dever.

Com efeito, não era preciso que Jesus Cristo viesse dizer-nos que amássemos os que nos amam; a amizade era conhecida antes de Jesus Cristo. Não era necessário que nos ensinasse a fazer bem a um infeliz, perdoar a um inimigo; a beneficência e a clemência eram conhecidas e praticadas antes dele.

Impondo-nos a caridade, Jesus Cristo teve o cuidado de nos prevenir que não se limitavam a isso os nossos deveres, pois preceituou: *Até agora, amavas o teu próximo, e odiavas o teu inimigo. E eu digo-te: ama o teu inimigo, faz bem a quem te odeia, pede pelos que te perseguem e caluniam, para seres digno filho do teu Pai celestial que dá o sol aos bons e aos maus, e envia a chuva benéfica aos justos e pecadores. Porque se só amas os que te amam, que recompensa mereces? não é isto o que fazem os pagãos?*

Peçêmos estas palavras; e depois, que

conceito devemos fazer dos cristãos que recusam perdoar, que perdoam mas que recusam reconciliar-se, que se reconciliam mas recusam ver o inimigo reconciliado; singular caridade que tem as mesmas características do ódio! Dizemos. eu perdôo-lhe; mas não quero vê-lo nem falar com ele. Que faríamos, se o odiássemos?

III.—A justiça do Senhor.

Então irado, o senhor meteu-o na cadeia até que pagasse toda a dívida, E' assim que meu Pai vos fará, se não perdoardes uns aos outros de todo o coração.

Quem não aplaudirá o procedimento cheio de equidade deste Senhor? Mas, ao mesmo tempo, como não ver aí a nossa condenação, se imitamos este servo desumano, se conservarmos inimizades com nossos irmãos?

Seremos tanto mais culpados quanto Deus for mais indulgente connosco: *Servo mau; pois eu perdoei-te tudo quanto me devias, e tu não tens piedade do teu companheiro como tive contigo?* Esta aproximação, na boca de Jesus Cristo, é um meio caridoso para nos induzir ao amor dos inimigos, ensinando-nos com o seu próprio exemplo; porque aqui, como em tudo, nada nos impõe que primeiro não faça.

E' o amor aos inimigos que o faz descer dos esplendores da glória à pobreza dum estábulo; é o amor aos inimigos que no decurso da sua vida mortal o levou a espalhar os seus benefícios sobre um povo que lhe pagava com a ingratitude.

E' o amor aos inimigos que o faz subir ao altar da cruz, para aí reconciliar, pelo seu sangue, os pecadores com o Deus que tinham ultrajado; é o amor aos inimigos que lhe ditou estas palavras admiráveis: *Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem.*

Depois de nos ter dado semelhantes exemplos, Jesus Cristo tinha o pleno direito de nos impor a obrigação de perdoar as ofensas e amar os inimigos.

Oxalá compreendamos bem a extensão dos nossos deveres sobre este assunto. Dê-nos o Deus de caridade a força de os cumprir; verêmos assim realizar-se em nós estas deliciosas palavras: *Bem-aventurados os que tem misericórdia, porque eles mesmos obterão misericórdia.*

Os nichos

Pobres nichos devotos (como alminhas) Que há por este país, nessas estradas... Lembrais ninhos por cima de sacadas, Laves aconchegados de andorinhas.

O' minha devoção, ternuras minhas, Vós ao pé deles sois ressuscitadas! E eu amo-os mais que às catadrais lançadas Aos altos céus, em complicadas linhas.

Rescendem cravos, rosas perfumando, E num copo de azeite uma luz arde Ao pé da Virgem, toda num perdão.

Luzem à noite pelos campos, quando Recolhe a gente a casa... Deus nos guarde! Nichos devotos! Portugal cristão.

Afonso Lopes Vieira.

Crónica da Semana

O Funeral do saudoso Arcebispo D. Manuel Vieira de Matos. — Foi em tudo digno da dignidade Primaz. As manifestações de luto e dôr, imponência das solenidades fúnebres, revestiram tamanha grandiosidade que bem pode dizer-se: o lugar de destaque, eminente que o Arcebispo Primaz ocupou em vida conservou-o na morte. Foram verdadeiramente suntuosos os seus funerais.

Particularmente a cidade de Braga pagou generosamente o seu tributo de gratidão. A cidade devia muito ao seu Prelado, em benefícios de ordem moral e espiritual e em benefícios de ordem material. Não há ninguém que os desconheça af, tais êles foram.

A educação das juventudes, mórmente a dos seminaristas, a dignificação do Clero, a intensificação do culto e da piedade, a acção moralizadora coletiva e particular, os interesses materiais à cidade provenientes do concurso de forasteiros às grandes festas dos Congressos, o salário garantido a centenas de operários nas obras monumentais que empreendeu, e a sopa dos pobres, gratuitamente distribuída a indigentes e a famílias necessitadas retraídas, constituem um crédito, cujo valor é incalculável.

A cidade reconhece-o e manifestou a sua imensa mágu. Nos dias em que a urna que encerrava os restos mortais do grande Arcebispo esteve em exposição, a cidade fez para o Paço Arquiepiscopal uma grandiosa romagem todos os dias. Do cidadão mais altamente colocado ao operário mais modesto não faltou lá a expressão de condôlência sentida. Todas as associações de Braga conservaram durante os dias de rigoroso luto a bandeira a meia haste. Muita gente vestindo fato preto, e nos rostos a expressão maguada. As próprias autoridades se associaram a esta grandiosa manifestação de pesar.

O funeral do saudoso Arcebispo foi de uma imponência extraordinária. O saímento do Paço Arquiepiscopal para a Sé impressionou profundamente. O Clero muito numeroso tornou grandiosa a manifestação de pesar, a que o povo se associou numa afluência enorme. Apesar de não ter sido para este acto o convite oficial, as autoridades e corporações da cidade vieram também incorporar-se.

O saímento teve lugar pelas quatro e meia horas da tarde.

Na Sé cantaram-se as matinas solenes que terminaram já noite. Presidiu o Senhor Arcebispo D. António Bento Martins Júnior.

Na segunda-feira, á hora marcada, com a comparencia do Em.^{mo} Senhor Cardinal Patriarca e dos Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Senhores Arcebispos de Braga, Evora, e Vila-Real, e dos venerandos Prelados do Porto, Guarda, Vizeu, Leiria, Portalegre, Beja, Coadjutor de Lamêgo e Coimbra e auxiliar de Vila-Real deu-se começo á solenidade litúrgica.

Cantaram-se Laudas, e a seguir o Senhor Arcebispo Primaz celebrou Missa de Pontifical.

Proferiu depois uma comovente e bela oração fúnebre o Senhor Arcebispo de Evora, enaltecendo as qualidades e virtudes e a grandiosa obra realizada pelo inclite Arcebispo, cuja morte se pranteava. Seguiram-se as absolvições dadas pelos Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Senhores Bispos da Guarda, Ar-

cebispos de Vila-Real e de Evora e pelo Ex.^{mo} Sr. Cardinal Patriarca, e por fim a condução de féretro para a Capela Arquiepiscopal do cemitério.

O que este cortejo foi mal pode descrever-se.

Presidido pelo Ex.^{mo} Rev.^{mo} Senhor Arcebispo Primaz nele se incorporaram o Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Cardinal Patriarca com três cônegos da Sé Patriarcal, os Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Srs. Arcebispos e Bispos acima nomeados, os representantes dos Prelados ausentes, vários Rev.^{mos} Cônegos do Porto, Bragança e Vizeu, o Rev.^{mo} Cabido, todos os Arciprestes do Arcebispado, e inúmeros Párcos e simples sacerdotes.

O elemento civil era composto pelo Representante do Senhor Presidente da República, Governador Civil, e Substituto do Distrito de Braga, e demais autoridades civis e militares, representantes das corporações da cidade, advogados, médicos, funcionários, pessoas categorizadas e imenso povo. As ruas da cidade estavam ladeadas de imensas pessoas. Em todos os rostos a expressão de uma mágu sentida. O comércio encerrou as suas portas. A bandeira das corporações a meia haste. Um sentimento profundo por tôda a parte.

O féretro chegou ao cemitério cerca das cinco horas da tarde.

Na capela Arquiepiscopal o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primaz recitou as últimas orações, e o cadaver do glorioso Arcebispo que em vida se chamou D. Manuel Vieira de Matos ficou depositado em rica urna no mausoleu Arquiepiscopal.

Foi um funeral que marcou pela imponência, pelo respeito, pelo sentimento público, em tudo conforme á dignidade do falecido Primaz das Espanhas.

*

Notas do estrangeiro. — Deram os jornais a feliz noticia de haverem terminado as hostilidades no Brasil. Já era tempo. Uma luta fratricida, cujos intuitos não eram bem definidos ou justificados, estava enlutando e arruinando o país e alarmando o estrangeiro.

A grande nação sul americana, com quem temos relações de parentesco e de amizade tão estreitas, carece de trabalhar e de progredir. Tem elementos de sobra para isso. Mas, sem paz e sem ordem é impossível o avanço social e material.

Ainda bem que as duas partes litigantes chegaram a um acôrdo. Que este seja sólido e duradouro!

Na América do sul também as repúblicas da Bolívia e do Paraguay andam em luta por causa de um território contestado.

Baldadamente as nações vizinhas têm chamado esforços conciliadores para se chamar a uma solução pacífica. Não está declarada a guerra, mas na região do Chaco boreal pelega-se com todos os horrores mortíferos.

O território do Chaco não é de grande extensão, mas favorece a cubiça dos dois contendores por causa dos jazigos petrolíferos. Quere dizer: a terra é pequena mas rica. Daí a disputa assanhada em a possuir. E' uma luta entre visinhos que pode dar que entender, mórmente se o flagelo da guerra se propagar a outros países próximos.

No extremo oriente a paz também não reina soberanamente. Aquilo pela China

parece um vulcão, a explodir revoluções! Proclamou-se independente a provincia da Mandchúria. O Japão, em hostilidade á China, protege o novo estado. Não correm por lá os ares muito serenos, qualquer dia há trovoadas rijas, pela certa!

Na Índia os nacionalistas estão a dar que entender aos ingleses. E' um país muito grande e de muitos milhões de habitantes. A divisão das castas, a diversidade de religiões, a fragmentação de pequenos estados têm favorecido a occupação estrangeira. Mas os antigos preconceitos vão desaparecendo. Bom trabalho terá a Inglaterra se todos os hindus se unem!

Na Alemanha vai uma efervescência bélica estonteante. Foi vencida na grande guerra, humilhada e manietada com a severidade dos tratados. Entende que já é tempo de levantar cabeça. Das dividas de guerra pretende não querer saber. De armamentos diz que quere liberdade igual á das outras nações. E fala alto e provoca motins. Prepara-se evidentemente para uma nova guerra por ventura mais longa e sanguinária do que a última.

Entretanto em Genebra a Sociedade das Nações, a Sociedade da Paz, continúa a discutir os graves problemas mundiais. A pior é que os seus delegados não têm o exército das nações no bolso!

E, como da guerra das ideias se passa naturalmente e ás vezes precipitadamente, á guerra dos factos, a paz de Genebra nem sempre cobre todo o mundo.

*

Organização. — Continuamos a respigar das *Novidades* o que sôbre o momentoso assunto da Acção Católica se vai publicando. E' assunto que interessa a todos: dirigentes e dirigidos. Está neste movimento a sólida garantia da paz social e da prosperidade religiosa. Estudemos, pois:

Conforme a definição de Pio XI a Acção Católica deve ser *uma participação do laicado no apostolado hierárquico da Igreja; uma extensão da sua actividade pastoral.* Trata-se pois dum quasi sacerdócio, o que exclui manifestamente o grande número dos chamados a exercê-lo, pela excelência do espirito e virtudes apostólicas que dêles reclama a própria missão que a Igreja lhes confia: participarem do seu apostolado hierárquico, estendendo a sua acção pastoral.

Tem de ser pois uma obra de escol. Desta mesma definição, reveladora do pensamento profundo do grande Papa da Acção Católica, colhe-se ainda uma outra característica fundamental que vemos também vulgarmente pouco apreciada: o seu espirito sobrenatural. Há quem suponha que a Acção Católica é uma obra de inteligência, de habilidade organizadora, de actividade e agitação humanas.

Erro profundo, a que se deve a esterilidade quasi completa de tantas obras e manifestações de actividade católica.

A vida da Igreja pode oferecer aos olhos dos profanos, o ar duma administração, duma espécie de chancelaria piedosa; aqueles, porém, que conhecem a sua vida íntima, em que reside tôda a sua força, sabem que a Igreja é o Corpo Místico de Cristo; no qual, Cristo é a cabeça, e membros todos os fiéis participantes do espirito divino, que é a alma comum. Tôda a obra de apostolado da Igreja é pois uma obra divina, porque é uma obra de união de novos membros á cabeça que é Cristo, obra que só *por Ele*, com *Ele* se pode realizar.

Com Ele e por Ele realiza a Igreja o seu apostolado através o sacerdócio, divinamente instituído e encarregado de representar Cristo, orando e sacrificando com Ele e por Ele, para que aumente a extensão do seu reino, o domínio espiritual da sua Igreja, das almas unidas a Cristo; e de realizar especialmente essa união pela distribuição dos sacramentos. Conferem estes ou aumentam a graça, dom sobrenatural que nos une a Cristo, elevando e divinizando de alguma sorte a nossa natureza, até nos fazer participar da natureza divina.

Se esta é a vida íntima da Igreja e a essência do seu apostolado, a Acção Católica, participação desse apostolado e extensão da actividade que elle exige, require evidentemente nos que são chamados a exercê-la uma intensa participação dessa vida e dessa essência divina.

Se exercem como dissemos, um quasi sacerdócio não é muito se revistam também de virtudes e santidade quasi sacerdotais. Como os sacerdotes, devem orar e sacrificar com Cristo e por Cristo; e, se não recebem o poder de unir as almas com Ele administrando os sacramentos, podem e devem exercer uma espécie de sacramentalidade, deixem-me exprimir assim, dando Cristo ás almas pelo exemplo modelar do seu procedimento na vida e sobretudo pelo quasi-sacramento da caridade, fundamento e revelação mais alta da vida divina.

Por isso este quasi sacerdócio da Acção Católica não poderá ser compreendido nem praticado sem por um escol, capaz de merecer essa vocação especial de instrumento de Cristo na recristianização da sociedade que se repaganiza. Esse escol terá de exercer dois movimentos: um *ad intra*, outro *ad extra*; um de união de si próprio com Cristo, acção de aperfeiçoamento e defesa, contra a repaganização ambiente; e a acção *ad extra*, a actividade apostólica, que sendo o reflexo espontâneo da vida interior, não carece de agitação nem de singularidade.

Calendário da semana

OUTUBRO

- 9 Domingo, 21º do Espirito Santo.
- 10 Segunda. S. Francisco de Borja C.
- 11 Terça. Do 2.º dia da Oitava.
- 12 Quarta. Do 3.º dia da Oitava.
- 13 Quinta. Cântico dos Cânticos de Nossa Senhora.
- 14 Sexta. S. Calisto I. P.
- 15 Sábado. S. Tereza de Jesus V.

No terramoto da Grécia desapareceu uma ilha, que foi engulida pelo mar. Com a ilha foram afogadas 200 famílias.

No dia 16 do corrente haverá em Aveiro grandes festejos por motivo da inauguração das obras do porto.

O dirigível Conde Zepelin voou sobre Vila Real de S.to António, da sua viagem de regresso à Alemanha.

Vida Espiritual

Uma Alma

(Recordações recolhidas por uma irmã)

Quanto a mim, foram boas e longas conversas que, continuadas depois em Paris, nos fizeram penetrar, pouco a pouco, na intimidade moral uma da outra, horas caríssimas cujo pensamento me comove até ao íntimo do meu ser e que terminarão um dia nesta perfeita união a'alma que neste mundo somos impotentes para realizar plenamente!

Pouco a pouco compreendi a beleza deste coração que sem jamais se preocupar consigo mesmo vivia para Deus e para os seus, e que a despeito da privação das alegrias humanas sabia interessar-se por todas as coisas grandes, por todas as obras boas, por tudo o que vale a pena ser amado ou admirado.

Certas circunstâncias desta época se gravaram particularmente na minha lembrança: um dia ao chegar a Versalhes com o coração cheio d'aquelas que me esperavam, ao penetrar no largo da estação, ouvi um alegre chamamento; era a Mamã e a Julieta que tinham vindo de carruagem ao meu encontro para me fazerem uma surpresa. Foi muito agradável e muito agradável também o passeio que se lhe seguiu. Pudemos ainda depois dar alguns outros passeios e, entre eles, um a pé com os filhos da Amélia e revejo ainda o banco onde todas três assentadas víamos brincar as crianças que Julieta amava tanto!

(Continúa)

Isabel Leseur

Não cores da tua fé: em vinte séculos de vida da Humanidade, tudo o que ela produziu de bom apoia-se nessa mesma fé.

Renato Bazin.

O primeiro homem do mundo

A' meia dum hotel, jantavam um coronel, um teólogo, um médico, um poeta, um economista e um filósofo.

— Meus senhores, bebo à memória de Alexandre Magno, o primeiro homem do mundo brindou o coronel.

— Alto! — objectou o médico: — o primeiro homem do mundo foi Galeno.

— Não, senhores! — redarguiu o teólogo — o primeiro homem do mundo foi S. Agostinho.

— Tenham paciência... mas o primeiro homem do mundo foi Dante! — gritou o poeta.

— Qual história! o primeiro homem do mundo foi Descartes, definiu o filósofo.

— Os senhores estão na lua! Malthus, Malthus é que foi o primeiro homem do mundo! — apostrofou o economista.

Entretanto a criada parara de levantar os pratos, para ouvir a discussão. E parecendo-lhe sandice rematada, que tam insignes sábios disputassem sobre coisa tão conhecida, e não se conteve:

— Ora mas os senhores não saberão que o primeiro homem do mundo foi... Adão!

E voltando as costas: — Já é estarem bêbedos!...

NOTÍCIAS VÁRIAS

Foi inaugurada a Exposição Industrial em Lisboa com a comparência do Sr. Presidente da República.

Na Grécia houve um violento tremor de terra que fez desabar milhares de casas: Houve mortos e muitas pessoas feridas.

Desde Janeiro a Setembro o nosso país foi visitado por 37,250 estrangeiros. É pequena ainda a cifra. Se Portugal conseguir chamar a si um grande movimento de turistas terá garantida uma enorme receita.

Foram reembolsados pelo governo bilhetes do Tesouro, nos meses de Junho, Julho e Agosto, na importância de 13.401 contos.

Foram suprimidos os tribunais do comércio de Lisboa e Porto.

Uma formidável explosão destruiu em Alpedrinha uma fábrica de pirotecnia, matando dois operários e ferindo gravemente outros dois.

Um furacão em Porto Rico ocasionou altos prejuizos e causou a morte a cem pessoas.

VILA COVA

A 28 de Setembro foi batisada Laurentina, filha dos srs. Albino Oliveira Pimenta e Deorminda Rosa da Silva. Padrinhos foram os avós paternos srs. Fernando Pimenta e esposa.

— O sr. Manuel de Sá Cachada está felizmente restabelecido.

— A 4 houve uma missa, previamente anunciada, em sufrágio da alma do Senhor D. Manuel, Arcebispo Primaz. Assistiram muitos fiéis. As comunhões que hoje se fizerem na nossa igreja, e muitas devem ser, serão oferecidas pelo mesmo fim.

— A Ex.^{ma} Sr.^a D. Marieta Vasconcelos continua um pouco adoentada. Desejamos a Sua Ex.^a pronto restabelecimento.

— A reunião da Cruzada Eucarística é no próximo domingo.

— Hoje far-se ha o peditório para os Seminários. Auxiliar os Seminários é auxiliar uma das grandes obras católicas da época que passa.

Os Seminários são mesmo a primeira obra católica e social da nossa época.

— A sr.^a Maria esposa do sr. Rufino A. de Miranda passa bastante incomodada, com uma infecção num pé. Estimamos as suas rápidas melhoras.